

Banco do Brasil e Ministério da Cultura apresentam e patrocinam

KENNETH O PETICHISTA POP ANGER



KENNETH
O FETICHISTA POP
ANGER

MOSTRA DE FILMES
RJ E SP . 4 A 15 DE MAIO 2011





KENNETH

O **Banco do Brasil** apresenta a mostra **KENNETH ANGER, O FETICHISTA POP**, um panorama do trabalho do cineasta que se tornou um dos principais nomes do cinema alternativo do século XX, mesmo sem ter realizado um único longa-metragem. Seus filmes poéticos, sensoriais, são considerados o “elo que permite entender o cinema contemporâneo, ao ligar a magia do cinema mudo à modernidade cinematográfica”.

Dedicado à arte de criar curtas-metragens, Anger alcançou a fama como um dos mais influentes cineastas de filmes independentes na história do cinema, inspirando realizadores como Martin Scorsese, David Lynch e artistas de outras áreas, como Andy Warhol e a banda Rolling Stones.

A seleção traz clássicos do ciclo da *Lanterna Mágica*, bem como sua produção mais recente, pois voltou à ativa em 2000, depois de ter deixado de filmar em 1976.

Aos 84 anos, o cineasta vem pessoalmente ao CCBB falar da sua escolha do cinema como meio de expressão pessoal. Essa é a ocasião de desfrutar da experiência e da estética de um artista que soube manter o vigor da sua poesia e independência, longe dos padrões do cinema comercial. Afinal, como ele mesmo declara “é possível se dizer muito em três minutos e vinte segundos”.

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL

O MÁGIKO DA LUZ *por Betch Cleinman*



O “*cinema é a música da luz*”. Essa definição do diretor Abel Gance se materializa na obra do cineasta independente norte-americano Kenneth Anger. Sem nunca ter realizado um longa-metragem em sua extensa trajetória, por falta de financiamento, seus curtas são experiências estéticas, narrativas e sensoriais, que influenciam o audiovisual em suas várias expressões: cinema, publicidade, vídeos musicais.

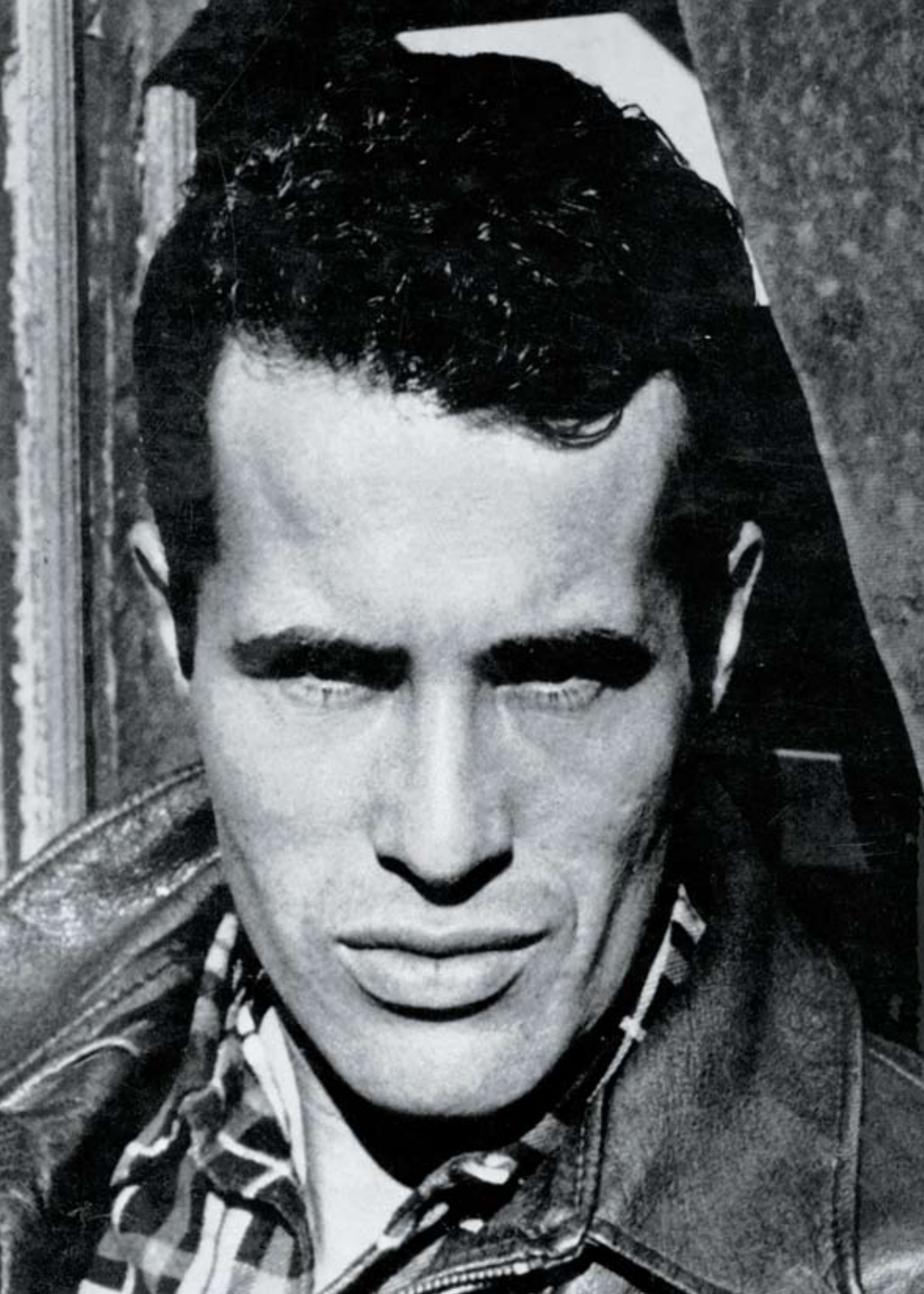
Kenneth Wilbur Anglemeyer nasceu em 1927 em Santa Monica, Califórnia. Começou a filmar com a câmera de 16 mm da família, usada para registrar férias e aniversários. Foi colega de Shirley Temple nas aulas de sapateado, tendo sido introduzido no universo das artes pela avó. Assistindo a seriados como *Flash Gordon and Daredevils of the Red Circle*, dirigidos por William Witney, aprendeu noções de corte e ritmo. De seus primeiros filmes, *Who Has Been Rocking My Dreamboat* (1941) e *Escape Episode* (1944), não restam vestígios. Com *Fireworks* (1947) torna-se Anger, ganha a admiração de Jean Cocteau e vai ao seu encontro na Europa. Trabalha na Cinemateca Francesa, com Henri Langlois, por 12 anos, e aprofunda seu domínio das técnicas de montagem de Eisenstein.

Hollywood é, ao mesmo tempo, “adversário e fonte de inspiração”. Adolescente, funda uma empresa para exibir filmes europeus desconhecidos. Nos anos 1960, junto com Jonas Mekas, John Cassavetes e outros, cria o *New American Cinema Group*, em oposição à hegemonia dos estúdios e à lógica comercial: “Não estamos nos unindo para ganhar dinheiro. Preferimos filmes crus, ásperos, mas cheios de vida; não queremos filmes cor de rosa, mas cor de sangue”.

A falta de recursos materiais e técnicos não foi uma limitação, e sim a plataforma para criação de uma estética singular. Daí sua escolha do uso da música para substituir diálogos: “São comentários diretos das imagens, irônicos e integrados. Há uma reflexão por detrás de cada passo, distante de meros efeitos da sorte”.

Uma das maiores influências na obra de Anger é a do ocultista inglês Aleister Crowley (1875–1947). Seu cinema, estruturado em torno de cor, som, mitos, mistérios, símbolos, inovações técnicas e rebeldias estéticas, está impregnado do conceito de *mágika*: “ciência e arte de provocar mudança de acordo com a vontade”. Filme é um “meio que facilmente vira mingau. Quero estrutura, quero intelecto, reflexão”, reivindica Anger. Quando cada ato intencional é um ato *mágiko*, a câmera vira uma *arma mágika*.

O realizador Bertrand Blier declarou que “talvez o verdadeiro cinema vá desaparecer, ou se tornar como a pintura que deve ser vista em espaços íntimos. Já os filmes podem ser vistos nas salas multiplex”. A mostra **KENNETH ANGER, O FETICHISTA POP** é um convite para um *espectador mágiko* fruir do cinema em que impera Lúcifer, o senhor da luz, a quintessência do cinema.



A MODÉSTIA E A ARTE DO FILME

Kenneth Anger

Até agora, a poesia seguiu um curso errado: subindo aos céus ou rastejando pelo chão, ignorou os princípios de sua existência e, não sem razão, tem sido constantemente rejeitada pelas pessoas decentes. Ela não tem sido modesta... a suprema qualidade que deve existir num ser imperfeito.

Lautréamont, Les Chants de Maldoror

Capturar o momento imediato é, inquestionavelmente, a principal condição da criação artística. O poeta que pode capturar a primeira fagulha de sua inspiração no segundo exato em que ela acontece e preservá-la no verso de um envelope com a ponta de um lápis; o nativo que, por estar completamente apaixonado, pega um pouco de argila da margem de um rio e, minutos mais tarde, deixa, despreocupado, uma divindade secando ao sol . . . como invejamos aqueles entre nós que trabalham com filme!

O problema, para todo artista, é apreender este reflexo do fogo divino da inspiração no curso e na essência de seu trabalho, uma vez que ele bem sabe como esse fogo temporário, esse clarão de luz que desponta da noite e tem de ganhar expressão, e que, contudo, às vezes tem a força incandescente de um vulcão recém-nascido – é uma coisa frágil, uma luz de bruxa, um fogo de Santo Elmo, o que Einstein chamava de a “primeira visão”. Que estranho paradoxo é, então, o meio filmico, esse magnífico e terrível instrumento nascido na nossa época para tentar e torturar nossa imaginação criativa! Sem querer, de maneira alguma, diminuir nosso entusiasmo por ele como uma forma de arte, não creio que nós – os filhos dessa era – estejamos errados ao chamá-lo de um meio imperfeito... imperfeito e aterrador.

Olhemos bem honestamente, por um momento, para algumas dessas imperfeições, ao mesmo tempo triviais e monumentais, embora não esquecendo nunca a especificidade de uma arte em que o menor grão de poeira pode assumir, rapidamente, as proporções ameaçadoras do rochedo de Gibraltar.

Toda disciplina artística necessita de que seus instrumentos estejam nas melhores condições possíveis. Tomados separadamente, os instrumentos do cinema têm uma fragilidade caprichosa: necessitam ser ajustados e manuseados com extremo cuidado; eles não se ajustam completamente às mentes desor-

ganizadas. Recomenda-se um considerável conhecimento científico antes de se chegar perto dessas máquinas... que também são miseravelmente pesadas, grandes e inflexíveis e requerem muita força para carregá-las. Todas elas são tão interconectadas que o menor erro no procedimento do movimento da câmera ao desenrolar o estoque de filme virgem até a lâmpada da cabine do projetor pode comprometer todo o projeto.

Para controlar as complicações que essas máquinas apresentam, o cineasta tem inevitavelmente de aceitar a colaboração de assistentes, consultores, técnicos ... algo que é mais difícil de lidar do que com as próprias máquinas: as personalidades individuais. O material real – o filme – tem de ser segurado com cuidado porque pode ser rapidamente destruído ou irreparavelmente danificado por uma mudança na temperatura, uma deficiência química, ou simplesmente por óleo, sujeira ou poeira. Finalmente, esse meio de expressão é sempre o mais custoso. O artista não pode deixar de levar em consideração o objeto antipodético – finanças e esse ser incompreensível – o financiador, que está sempre fazendo, invariável e imperdoavelmente, a mesma pergunta: por quê?

Evidentemente, nós nos forçamos a superar essas imperfeições e aceitá-las como o desafio lançado por essa era de tecnologia, pois amamos o cinema acima de tudo. Essas dificuldades não podem, de modo algum, diminuir a atração dessa promessa de imortalidade, essa certeza de que aí, finalmente, existe um espelho erguido para o rosto fugaz da natureza, um meio de manter o fluxo inesgotável de visões de beleza que não para de morrer e tornar a nascer e que faz da contemplação da beleza um sentimento impregnado pela tristeza do seu desaparecimento, uma maneira de sustentar o momento, uma arma com a qual se desafia o desenrolar implacável do tempo – há o milagre, o verdadeiro milagre do filme.

Só se pode romper a barreira dessas limitações mecânicas através de um retorno consciente à simplicidade, ao relacionamento direto entre a câmera e o artista.

A ideia amplamente difundida de que os filmes envolvem necessariamente a farsa complexa do cinema comercial tem sua antítese num campo de arroz no Japão, onde Okamoto vagueia com uma câmera de 16mm na mão e consegue um resultado criativo totalmente diferente. Esse japonês poeta do cinema livrou-se do roteiro, do departamento, do estúdio, dos projetores, do filme, dos técnicos e mesmo do tripê da câmera, e foi para o campo por sua própria conta, em busca de seus poemas de celulóide. Suas maravilhosas canções visuais e silenciosas – íntimas e totalmente livres – despertam minha admiração sem limites. Há mesmo uma poesia adicional nessas imagens levemente trêmulas que estão libertas de todas as contingências. Herdeiro de uma cultura tradicionalmente

enamorada do pequeno e do refinado, esse poeta não despreza a câmera de 16mm, considerando que sua leveza e suas dimensões reduzidas jogam a seu favor. Ele começou com uma câmera de 8mm, e se existisse, teria usado uma câmera de 4mm. O sonho de um cinema pessoal, livre, puro pode ser alcançado, desde que você seja modesto.

Usar o mais simples dos recursos de uma arte com associações líricas é a própria base da estética japonesa e a mais preciosa das minhas memórias sobre essa cultura. Nunca esquecerei como a lição me foi ensinada por meu professor japonês de desenho, quando eu era criança.

Eu tinha feito um esboço de uma paisagem de marinha, memória de umas férias, no qual eu trabalhara laboriosamente e levei-o para meu professor, para ouvir suas críticas. Ele olhou calmamente minha suja página ocidental, na qual, com entusiasmo, tentara colocar tudo que havia visto, e então, com um leve sorriso, pegou uma folha de papel de arroz, mergulhou seu pincel na tinta, e num piscar de olhos eu tinha diante de mim a essência da cena: três pinceladas, o contorno do Monte Fuji, a ilha e seus pinheiros, a extensão da baía.

Esse amor dos japoneses pela economia de expressão é encontrada no tanka, poemas de cinco linhas, e no haiku, que tem apenas três linhas.

O domínio dessas formas de expressão é considerada como a mais elevada aspiração literária. A história frequentemente contada é a do aluno que tinha composto o seguinte haiku:

*Cortar as asas de
um dragão voador
é pó de pimenta.*

Ao qual seu professor respondeu:

*Pó de pimenta
Dê-lhe asas
É um dragão voador.*

Uma evocação mágica nascida dos rigores da escolha. Em sua limitação extrema, algumas formas têm a força sugestiva de um eco que ressoa infinitamente na imaginação. Esse brilhante exemplo do clássico mestre Bashu é testemunha disso:

*Que frio penetrante eu sinto
O pente da minha falecida esposa no chão da sala
Sob meu calcanhar.*

Os poetas ocidentais poderiam se aproveitar desse exercício de disciplina, assim como nós, cineastas, poderíamos ter em mente a lição dos filmes de Okamoto, que evocam, em duas ou três imagens de grande lirismo, o drama pungente de um órfão, uma flor aquática, a devoção a uma boneca ou a uma amizade perfeita?

Deixemos aos nossos poetas ocidentais a oportunidade de refletir sobre as possibilidades oferecidas por três linhas, por três pinceladas, e, para nossos poetas do cinema, por três imagens. O resultado pode ser surpreendente.

Em contraste com esta arte de evocação lírica, a tradição ocidental – de Michelangelo a Griffith via Beethoven – aspira com frequência ao monumental, ao épico, ao grande. Na realidade, entre os trabalhos desses artistas os que nós mais apreciamos não são aqueles realizados numa escala menor, os mais poéticos, os mais pessoais: não preferimos os sonetos de Michelangelo à Capela Sistina, nem os quartetos de Beethoven às suas sinfonias, nem *Lírio partido* (*Broken Blossoms*) à *Intolerância*.

Admiramos o épico, mas somos movidos pelo lírico. Isso é ainda mais evidente quando se trata de comédia. Que melhor exemplo do que a cristalização do significado de improvisação em Keaton ou Chaplin – um significado que, no campo do cinema, já pertence a uma “arte perdida”. São os momentos improvisados que continuam a ser os mais preciosos.

Na arte do filme, a centelha divina da intuição desperta, com muita rapidez, o desejo pelo controle total. A composição estudada do épico leva-nos aos reinos gelados de Eisenstein e Dreyer da última fase, Sternberg e Bresson. Admiramos a beleza formal desses trabalhos, mas sua frieza não consegue nos atingir. O espectador deve “apreciar” a qualidade desses trabalhos antes de “sentir-los”, analisar de forma competente a ingenuidade dos movimentos da câmera e os méritos da iluminação antes de estar sendo envolvido na ação. O véu do julgamento é lançado entre o espectador e o drama.

Visto que agora é um imperativo da indústria cinematográfica que um filme deva ser cuidadosamente preparado, planejado e ensaiado antecipadamente para evitar desastres financeiros, não é de se surpreender que os “grandes” do cinema tenham tentado superar essas complicações através de um rígido controle intelectual. Esses procedimentos, porém, ganham cada vez mais a forma de ritos, e, ao sacrificar, dessa maneira, a liberdade e a espontaneidade os senhores gelados têm, ao mesmo tempo, abafado a resposta do público. Seus trabalhos estão se tornando, cada vez mais fins em si mesmos, exercícios de um estilo extremamente refinado, mas que carecem das qualidades insubstituíveis da improvisação.

Olhando para o trabalho desses intelectuais do cinema, deparamo-nos olhando para algo em que a preocupação com a perfeição dos detalhes e das nuances levou o cineasta a traír as motivações e o objeto do drama. Os elementos dinâmicos da estrutura dramática foram colocados de lado, o fluxo das emoções dissipado, e com todo gesto e toda sombra tornando-se mais perfeitos, o ritmo torna-se progressivamente mais lento até o filme não ser mais do que uma série de vinhetas cuidadosamente estudadas. O valor inicial como drama, o poder da catarse, está perdido.

Observa-se também a crescente tendência, nos filmes comerciais de hoje, de interromper a ação em quadros ou flashbacks, muitas vezes acompanhados pela presença inoportuna de um comentário cuja sobreposição sobre a ação visual significa constantemente nos desviar do reino do imediato para o da nostalgia, para o passado. Colocando de uma outra maneira: o cineasta está dizendo “Isso aconteceu” ou “Isso aconteceu comigo” ao invés do vital “Isso está acontecendo ou sou eu?”

Essa neutralização generalizada do ponto essencial do cinema – seu poder de simular a experiência real – consagra sua tendência mais repulsiva. Assim, nós estamos agora no beco sem saída da estilização. Das bocas das pessoas semimortas que pronunciam os oráculos da tela contemporânea deve vir uma carta de liberdade: a restauração da poética persuasiva da imagem lírica. Uma liberdade que só é possível através da visão íntima do artista através das lentes de sua câmera. Em uma palavra, através do cinema pessoal.

Era precisamente esse potencial cinemático para expressar a espontaneidade que me atraía como uma forma de arte pessoal. Eu via sua força perturbadora: uma maneira de provocar uma mudança. Esse meio de expressão pode transcender a estética para se tornar experiência. Meu ideal era um cinema “vivo” que explorasse o dinamismo da comunicação visual da beleza, do medo e da alegria. Eu queria fazer um cinema pessoal para transmutar a dança do meu ser interior em uma poesia de imagens em movimento que criaria um novo clima de revelação espiritual no qual o espectador, esquecendo que ele ou ela estava olhando para uma obra de arte, só poderia se tornar um com o drama. Eu sabia que uma arte como essa necessitava apenas do mais simples dos meios: Okamoto e a lição de estética japonesa mostraram-me o caminho.

Com uma câmera manual de 16mm, eu filmei minha primeira série de haikus curtos. Foi esse o meu aprendizado com as maravilhas que nos cercam, esperando para ser descoberto, despertos o conhecimento e a vida e cuja essência mágica é revelada por seleção. Aos 17 anos, compus meu primeiro poema longo, uma sucessão de 15 minutos de imagens, meu tanka negro: Fireworks (Fogos de artifício).

Eu tinha visto todo esse drama na tela de meus sonhos. Essa visão foi excepcionalmente aberta ao instrumento que a aguardava. Com três luzes, um tecido negro como cenário, uma grande economia de recursos e uma enorme concentração interior, *Fireworks* foi feito em três dias.

Exemplo da transferência direta de uma inspiração espontânea, esse filme revela as possibilidades da escrita automática na tela, de uma nova linguagem que revela o pensamento, que permite o triunfo do sonho.

A crença totalmente intelectual dos “senhores gelados” do cinema na supremacia da técnica lembra, em termos literários, os ensaios analíticos de um Poe ou os métodos de um Valéry, que disse: “Eu só escrevo por encomenda. A poesia é uma tarefa”.

No polo oposto desses sistemas criativos encontra-se a inspiração divina de um Rimbaud ou de um Lautréamont, profetas do pensamento. O cinema já explorou as regiões do norte, de estilização impessoal; trata-se agora de descobrir as regiões do sul, do lirismo pessoal, mas deve ter seus profetas.

Esses profetas restaurarão a fé em um “cinema puro” da revelação sensual. Eles restabelecerão a primazia da imagem. Eles nos ensinarão os princípios de sua fé, de que participamos antes de avaliar. Nós voltaremos ao sonho de seu primeiro estado de veneração. Nós evocaremos mistérios primitivos. O futuro do filme está nas mãos do poeta e de sua câmera. Os seguidores de uma fé no “cinema puro” estão escondidos, mesmo nessa era improvável. Eles fazem seus modestos “fireworks” em segredo, mostrando-os de tempos em tempos; eles passam despercebidos no clarão da “chuva de prata” do cinema comercial. Talvez uma dessas centelhas venha a libertar o cinema...

Anjos existem. A natureza oferece o “fluxo inesgotável de visões de beleza”. Cabe ao poeta, com sua visão pessoal, “capturá-las”.





FIREWORKS

direção, roteiro e montagem | Kenneth Anger.
com Kenneth Anger (sonhador), Gordon Gray (1º marinheiro)
e Bill Seltzer (2º Marinheiro)
assistente de fotografia | Chester Kessler
1947, EUA - 15' (pb)

Com cerca de 20 anos, Anger é o diretor e ator principal dessa fantasia onírica sobre o desejo masculino, rodada na casa dos pais com uma câmera Kodak de 16 mm. “Eu filmei em 72 horas aproveitando que eles tinham viajado para um enterro. Transformei a casa toda em um estúdio.” Inspirado nos conflitos em Los Angeles conhecidos como *Zoo Suit Riots*, entre marinheiros e mexicanos em 1944, ganha a admiração de Tennessee Williams e de Jean Cocteau, que o seleciona para o *Festival du Film Maudit* de 1949.



PUCE MOMENT

direção, roteiro, montagem e produção | Kenneth Anger
com Yvonne Marquis (estrela de Hollywood)
direção de fotografia | Curtis Harrington
música original | Jonathan Halper
1949, EUA - 6' (cor)

Anger conta com a colaboração do cineasta Curtis Harrington. O projeto de realizarem um longa em homenagem ao cinema mudo não vingou, o que resultou em uma curta. Os figurinos utilizados foram os vestidos herdados da avó de Anger, que trabalhara como costureira para as atrizes de Hollywood. Eles foram a base para a criação da abstração colorida que juntamente com o uso original da música popular da trilha sonora, caracterizam a singularidade do artista. As imagens da mulher se preparando para levar os cachorros Borzois para passear têm o clima dos anos 1920.



RABBIT'S MOON

direção e montagem | Kenneth Anger
com André Soubeyran (Pierrô), Claude Revenant (Arlequim)
e Nadine Valence (Colombina)
direção de fotografia | Kenneth Anger e Oleg Tourjansky
câmera | Oleg Tourjansky
música original | Andy Arthur (versão de 1979)
1950, EUA (pb) - 2 versões diferentes: 16' (1972) e 7' (1979)

Originalmente rodado em 1950, Anger só conseguiu finalizar e lançar o filme em 1972. Mais tarde, em 1979, ele prepara uma outra edição com mudanças e nova trilha sonora. Inspirando-se nas fantasias de Méliès, Anger cria em um estúdio parisiense um cenário de uma floresta noturna, com folhas e árvores feitas à mão para seu triste e suntuoso poema sobre um pierrô fascinado pela lua.



EAUX D'ARTIFICE

direção, montagem e produção | Kenneth Anger
com Camilla Salvatorelli (dama - *há uma polêmica se é Camilla ou Camillo*)
direção de fotografia | Kenneth Anger e Oleg Tourjansky
assistente de câmera | Thad Lovett
música original | Andy Arthur (versão de 1979)
1953, EUA - 13' (pb)

Filmado nas locações de Tivoli, nas proximidades de Roma. Viajando pela Europa com a cineasta experimental Marie Menken, Anger se inspira no elaborado complexo de fontes de Villa d'Este do século XVI, em Tivoli, para criar essa celebração musical do excesso barroco. Tudo ao som de *Inverno* das *Quatro Estações*, de Vivaldi. Fortes filtros vermelhos dão um tom azulado ao filme.



INAUGURATION OF THE PLEASURE DOME

direção, montagem, roteiro e direção de fotografia | Kenneth Anger

assistente de câmera | Robert Straede

com Samson De Brier (Lorde Shiva; Osiris; Nero; A grande besta),

Marjorie Cameron (A mulher escarlate / Kali), Joan Whitney (Afrodite), Katy Kadell (Isis),

Renate Druks (Lilith), Anais Nin (Astarte), Paul Mathison (Pan), Curtis Harrington (Cesare;

Escravo; Sonâmbulo), Kenneth Anger (Hécate) e Peter Looome (Ganimedes)

1954, EUA - 38' (cor)

Na tela uma constelação de deuses imaginados e coreografados por Anger, criados a partir de uma das legendárias festas a fantasia *Come as your madness* do ator de filme mudo e empresário recluso Samson De Brier, em sua mansão de Hollywood. Entre as divindades e demônios estão Anais Nin, Curtis Harrington e o próprio De Brier. O filme teve várias versões, uma delas com a tela dividida em três que posteriormente foi condensada para a versão Cogumelo

Sagrado que usava a superimposição para criar as complexas mandalas.

Mitológicas imagens de Aleister Crowley, símbolos cabalísticos, artifícios e mágica se entrelaçam para transformar a cúpula do prazer tanto em prisão quanto em celebração. Tudo ao som da *Missã Eslavônica*, de Leoš Janáček.



SCORPIO RISING

direção, direção de fotografia e montagem | Kenneth Anger
com Ernie Allo (Curinga), Bruce Byron (Scorpio), Frank Carífi (Leo), Steve Crandell (Blondie),
Johnny Dodds (Kid), Bill Dorfman (Back), Nelson Leigh (Jesus Cristo - *sequência de arquivo*),
John Palone (Pinstripe), Barry Rubin (Fall Guy) e Johnny Sapienza (Taurus)
música original | Jack Brooks e David Raksin / direção de arte | Jeremy Kay
assistente de locação | Tony Bandusk
produção | Ernest D. Glucksman / co-produção | Arthur P. Schmidt
1963, EUA - 29' (cor)

Depois de voltar da França, Anger começou a documentar a vida da comunidade masculina dos motociclistas do Hell's Angels da área de Brooklyn, utilizando edição e uma trilha sonora estruturada em torno do pop que tocava em jukebox. A imagística de James Dean ofusca o motociclista em seu elaborado figurino de couro. Ocultismo, símbolos nazistas, trechos do filme *A última viagem para Jerusalém*, produzido pela Lutheran Sunday School, deixado sem querer na casa do artista, vão se misturando à ação. Anger cria uma reflexão sobre velocidade, morte, masculinidade, fascismo, religião, revelando as sombrias correntes presentes na cultura popular estadunidense do pós-guerra.



INVOCATION OF MY DEMON BROTHER

direção, direção de fotografia e montagem | Kenneth Anger
trilha sonora original | Mick Jagger
com Kenneth Anger (o Mágiko), Bobby Beausoleil (Lúcifer), Bill Beutel (diácono),
Mick Jagger (ele mesmo - *sequência de arquivo*), Lenore Kandel (diaconisa),
Anton LaVey (Satã), Anita Pallenberg (ela mesma - *sequência de arquivo*),
Keith Richards (ele mesmo - *sequência de arquivo*)
1969, EUA - 12' (cor 16mm)

Curta experimental que combina cenas de Haight-Ashbury (centro difusor em São Francisco do movimento hippie e da contracultura na década de 1960), ritual satânico protagonizado pelo próprio Anger, sequências de reportagens sobre o Vietnã, imagística homoerótica e tomadas de atuação dos Rolling Stones. Criação ritmada pela música originalmente composta em teclado eletrônico por Mick Jagger.



KUSTOM KAR KOMMANDOS

direção e montagem | Kenneth Anger

direção de fotografia | Arnold Baskin

música *Dream Lover*, composta por Bobby Darin e interpretada por The Paris Sisters

1965, EUA - 3' (cor 35mm)

Um homem vestindo jeans apertados pole seu carro ao som de *Dream Lover*. Fragmento de um longa jamais realizado sobre versão Costa Oeste de *Scorpio Rising*, centrado na cultura dos colecionadores de carros antigos (*hot rods*) do Sul da Califórnia.



LUCIFER RISING

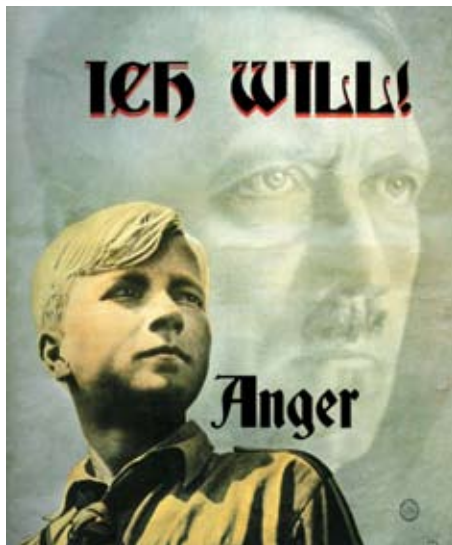
direção e montagem | Kenneth Anger
com Kenneth Anger (o Mágiko), Bobby Beausoleil (ele mesmo), Donald Cammell (Osíris)
Marianne Faithfull (Lilith), Myriam Gibril (Isis), Chris Jagger (homem de túnica amarela)
e Jimmy Page (homem segurando a Estela da Revelação)
direção de fotografia | Chris O'Dell / direção de arte | Page Wood
música original | Bobby Beausoleil
efeitos especiais | Wally Veevers / consultor telêmico | Gerald Yorke
1970-1980, EUA - 29' (cor 16mm)

Uma das mais elaboradas produções de Anger, começou a ser rodada por volta de 1966 e foi abandonada em 1967 com a denúncia de que as latas teriam sido furtadas pelo jovem Bobby Beausoleil, contratado para atuar e compor a trilha musical. O músico alegou que o diretor teria gasto o dinheiro da produção. O cineasta acabou usando algumas das sequências já prontas no curta *Invocation of My Demon Brother*. Anos mais tarde, as filmagens foram retomadas com a cantora inglesa Marianne Faithfull e o diretor escocês Donald Cammel. Chris Jagger, irmão de Mick, se desentendeu com o diretor e todas as suas cenas foram extirpadas da versão final. Beausoleil compôs e gravou a música na cadeia, devido à acusação de assassinato de Gary Hinman por ordem de Charles Manson, do caso Sharon Tate, esposa de Roman Polanski. O guitarrista Jimmy Page do Led Zeppelin compôs uma trilha que acabou por não ser usada, figurando em uma cena em que olha o retrato do ocultista Aleister Crowley. Finalmente, a película filmada em grande parte no Egito ficou pronta em 1972, mas só conseguiu ampla distribuição em 1980.



ICH WILL!

direção e roteiro | Kenneth Anger
2008, EUA - 35' (pb e cor vídeo)



Encomenda do Festival Donau em Krems, Áustria, que garantiu ao cineasta total liberdade para montar e utilizar as sequências da juventude hitlerista. Anger pesquisou dez anos em arquivos pelo mundo afora para localizar as imagens que cobrem o período de 1933 a 1938. Ao som da *Nona Sinfonia*, de Anton Bruckner, o filme apresenta a louca juventude nazista acampando, cantando em torno de fogueiras com caras felizes, se movendo juntos em direção à beira do vazio em que podem cair. Tudo aparenta alegria e diversão, mesmo quando brincam de cabo de guerra, escalam uma montanha e plantam uma gigantesca bandeira nazista em seu cume. Só as silhuetas são visíveis. Conforme vai se desenrolando, o filme ganha cor e os jovens vão ficando mais velhos e os vermelhos e pretos dos uniformes brilham depois de vinte minutos de imagens em preto e branco. Anger dedica o filme ao primo falecido, que talvez tenha sido membro do Partido Nazista. Algumas das cenas se assemelham às dos bonecos de Mickey Mouse marchando com o mesmo passo e criam uma visão que alterna o doutrinamento militar com um espetáculo ritualizado.



THE MAN WE WANT TO HANG

direção | Kenneth Anger
direção de fotografia | Adam Rogers
montagem | Emerson Balla
trilha sonora | Liadov
historiador | Martin P. Starr
1995-2002, EUA - 12' (cor 16mm)

Curta que documenta uma exposição de pinturas do adorado Aleister Crowley na galeria londrina October, em abril de 1998.



MOUSE HEAVEN

direção e produção | Kenneth Anger
com Mickey Mouse
2004, EUA - 10' (cor vídeo)

Para os críticos culturais, as mais famosas e populares imagens do século XX são a suástica e o rosto do Mickey Mouse. Anger exhibe nesse curta sua visão da mercantilização do ícone da Disney. “Aqui fica visível a similaridade desse olhar com o lançado pela juventude hitlerista no meu filme *Ich Will!*, capturado involuntariamente pela câmera”. Esse curta experimental, acompanhado por jazz contemporâneo, explora uma das maiores coleções particulares no mundo de objetos da Disney dos anos 1920 e 1930. Só eles aparecem, estáticos. Alguns bonecos do Mickey e da Minnie mexem as bocas e línguas e piscam os olhos. Mais uma demonstração das qualidades de editor de Anger.

ELLIOT'S SUICIDE

direção | Kenneth Anger

com Elliott Smith

2004, EUA - 15' (cor)

Tributo sentimental de Anger ao cantor e compositor Elliott Smith (1969-2003), que sofria de depressão, alcoolismo e toxicodependência e que morreu devido a duas punhaladas que teria se dado no peito. O filme começa com tomadas das últimas palavras de fãs e amigos no Memorial de Smith, no Sunset Boulevard. A música do próprio homenageado compõe a trilha sonora. Mais um tributo de Anger a homens com belos corpos que morrem jovens.

I'LL BE WATCHING YOU

2007, EUA - 5' (cor)

O curta roça a linha que separa o erotismo do sexo explícito, com seu homoerotismo voyeur e nudez gráfica. Ao som da música do grupo Police, *I'll be watching you*, um segurança observa pelo monitor dois homens que se relacionam sexualmente entre carros luxuosos, no estacionamento subterrâneo de um prédio elegante.

FOREPLAY

2008, EUA - 7' (cor)

Anger filma o aquecimento de um time amador de futebol. Raramente se vê uma pessoa inteira, apenas fragmentos de músculos suados, contraídos, virilhas fortes, panturrilhas esculpidas. Só se ouve o som da bola sendo batida, criando efeito sonoro que vai produzir uma trilha de música techno. Aparentando ser um vídeo caseiro sobre futebol, ele evoca seus filmes fetichistas pop como *Scorpio Rising* (1963) e *Kustom Kar Kommandos* (1965). Também pode ser considerado uma “versão” crocante, minimalista e homoerótica do filme *Zidane - A 21st Century Portrait*, de Philippe Parreno e Douglas Gordon.

UNIFORM ATTRACTION

2008, EUA - 21' (cor)

Estudo sobre os US marines. Anger exibiu um filme no Imperial War Museum em 2008, ainda em construção. Ele continua trabalhando nesse material, sobre o poder dos uniformes em transformar as pessoas, sobretudo homens, apesar de as mulheres também terem os seus.



DEATH

direção | Kenneth Anger

produção | Brian Butler

2008, EUA - 42" (cor)

Filme realizado para o coletivo cinematográfico OneDreamRush.



BRUSH OF BAPHOMET

direção e roteiro | Kenneth Anger

2009, EUA - 4' (cor)

O filme documenta as pinturas de Aleister Crowley.



MY SURFING LUCIFER

direção | Kenneth Anger
com Bunker Spreckels (ele mesmo - sequências de arquivo),
Ellie Sylva (ela mesma), Spyder Wills (ele mesmo)
direção de fotografia | Art Brewer, Bunker Spreckels e Spyder Wills
efeitos visuais | Ivan Hurzeler, Howard Nourmand e Serge Kirsanov
música original | Philip Manley
montador assistente | Austin Meredith... editor assistente
co-produtores | Craig Stecyk, Spyder Wills, Daniel Desure e Art Brewer
produtores associados | Howard Nourmand e Brian Butler
produtores executivos | John Gable e Joan Spreckels
produção | Takuji Masuda
2007, EUA - 4' / 2009 - 9' (documentário cor)

Utilizando sequências de filme encontradas, somos apresentados à curta vida de Bunker Spreckels, enteado de Clark Gable e lenda do surfe, que herdou 50 milhões de dólares aos 21 anos.





18 SESSÕES RECOMENDADAS PARA MAIORES DE 18 ANOS**4 DE MAIO | QUARTA-FEIRA**

18h00 | Fireworks, 1947 (15') – Puce Moment, 1949 (6') – Rabbit's Moon, 1950 (16')
Eaux D'Artifice, 1953 (13') – Inauguration of the Pleasure Dome, 1954 (38')

Total: 88'

20h00 | Scorpio Rising 1963, (29') – Kustom Kar Kommandos, 1965 (3')
Invocation of My Demon Brother, 1969 (11') – Lucifer Rising, 1972 (30')

Total: 73'

5 DE MAIO | QUINTA-FEIRA

18h00 | The Man We Want to Hang, 1995-2002 (14') – Mouse Heaven, 2004 (10')
Elliot's Suicide, 2004 (15') – I'll Be Watching You, 2007 (5') – My Surfing Lucifer, 2007 (4')
Death, 2008 (42'') – Ich Will!, 2008 (35')

Total: 84'

20h00 | Foreplay, 2008 (7') – Uniform Attraction, 2008 (21') – Brush of Baphomet, 2009 (4')
Scorpio Rising 1963, (29') – Inauguration of the Pleasure Dome, 1954 (38')

Total: 99'

6 DE MAIO | SEXTA-FEIRA

18h00 | Scorpio Rising, 1963 (29') – Kustom Kar Kommandos, 1965 (3')
Invocation of My Demon Brother, 1969 (11') – Lucifer Rising, 1972 (30')

Total: 73'

20h00 | Ich Will!, 2008 (35') – Mouse Heaven, 2004 (10') – Uniform Attraction, 2008 (21')
Inauguration of the Pleasure Dome, 1954 (38')

Total: 104'

7 DE MAIO | SÁBADO

18h00 | Fireworks, 1947 (15') – Inauguration of the Pleasure Dome, 1954 (38')
I'll Be Watching You, 2007 (5') – Invocation of My Demon Brother, 1969 (11')

Foreplay, 2008 (7') – Brush of Baphomet, 2009 (4')

Total: 80'

19h30 | ENCONTRO COM KENNETH ANGER – MEDIAÇÃO: BETCH CLEINMAN (CURADORA)**10 DE MAIO | TERÇA-FEIRA**

18h00 | Eaux D'Artifice, 1953 (13') – The Man We Want to Hang, 1995-2002 (14')
Uniform Attraction, 2008 (21') – Mouse Heaven, 2004 (10') – Brush of Baphomet, 2009 (4')
Death, 2008 (42'') – Scorpio Rising, 1963 (29')

Total: 92'

20h00 | Elliot's Suicide, 2004 (15') – I'll Be Watching You, 2007 (5') – Lucifer Rising 1972 (30')
Invocation of My Demon Brother, 1969 (11m) – Kustom Kar Kommandos, 1965 (3')
Death, 2008 (42'') – My Surfing Lucifer, 2007 (4') – Puce Moment 1949 (6')

Total: 75'

11 DE MAIO | QUARTA-FEIRA

18h00 | Fireworks, 1947 (15') – Elliot's Suicide, 2004 (15') – Eaux D'Artifice, 1953 (13')
Invocation of My Demon Brother, 1969 (11') – The Man We Want to Hang, 1995-2002 (14')
Mouse Heaven, 2004 (10')

Total: 78'

20h00 | Scorpio Rising, 1963 (29') – Foreplay, 2008 (7')
Lucifer Rising, 1972 (30') – Uniform Attraction, 2008 (21')

Total: 87'

12 MAIO | QUINTA-FEIRA

18h00 | My Surfing Lucifer, 2007 (4') – Elliot's Suicide, 2004 (15') – Lucifer Rising, 1972 (30')
Invocation of My Demon Brother, 1969 (11') – Eaux D'Artifice, 1953 (13') – Foreplay, 2008 (7')

Total: 80'

20h00 | Scorpio Rising, 1963 (29') – I'll Be Watching You, 2007 (5') – Ich Will!, 2008 (35')
Mouse Heaven, 2004 (10')

Total: 79'

13 DE MAIO | SEXTA-FEIRA

18h00 | Puce Moment, 1949 (6') – Rabbit's Moon 1950 (16') – Eaux D'Artifice, 1953 (13')
Ich Will!, 2008 (35') – Mouse Heaven, 2004 (10')

Total: 80'

20h00 | Death, 2008 (42') – Elliot's Suicide, 2004 (15') – My Surfing Lucifer, 2007 (4')
I'll Be Watching You, 2007 (5') – Eaux D'Artifice, 1953 (13') – Scorpio Rising, 1963 (29') – Foreplay, 2008 (7')

Total: 74'

14 DE MAIO | SÁBADO

16h30 | Eaux D'Artifice, 1953 (13') – Foreplay, 2008 (7') – I'll Be Watching You, 2007 (5')
My Surfing Lucifer, 2007 (4') – Uniform Attraction, 2008 (21')
Inauguration of the Pleasure Dome 1954 (38m)

Total: 88'

18h30 | Brush of Baphomet, 2009 (4') – Puce Moment 1949 (6')
The Man We Want to Hang, 1995-2002 (14') – Death, 2008 (42')
Kustom Kar Kommandos 1965, (3') – Foreplay, 2008 (7') – Ich Will!, 2008 (35')
Mouse Heaven, 2004 (10')

Total: 80'

20h00 | Scorpio Rising, 1963 (29') – Lucifer Rising, 1972 (30') – Rabbit's Moon 1950 (16')
Firework 1947 (15')

Total: 90'

15 DE MAIO | DOMINGO

16h30 | Scorpio Rising, 1963 (29') – Inauguration of the Pleasure Dome, 1954 (38')
Ich Will!, 2008 (35')

Total: 104'

18h30 | Fireworks, 1947 (15') – Foreplay, 2008 (7') – I'll Be Watching You, 2007 (5')
Mouse Heaven, 2004 (10') – Rabbit's Moon, 1950 (16') – Puce Moment, 1949 (6')
Uniform Attraction, 2008 (21') – The Man We Want to Hang, 1995-2002 (14')

Total: 94'

18 SESSÕES RECOMENDADAS PARA MAIORES DE 18 ANOS

4 DE MAIO | QUARTA-FEIRA

17h30 | Fireworks, 1947 (15') – Puce Moment, 1949 (6') – Rabbit's Moon, 1950 (16')
Eaux D'Artifice, 1953 (13') – Inauguration of the Pleasure Dome, 1954 (38')

Total: 88'

19h30 | ENCONTRO COM KENNETH ANGER – MEDIAÇÃO: BETCH CLEINMAN (CURADORA)

5 DE MAIO | QUINTA-FEIRA

17h30 | Scorpio Rising, 1963 (29') – Kustom Kar Kommandos, 1965 (3')
Invocation of My Demon Brother, 1969 (11') – Lucifer Rising, 1972 (30')

Total: 73'

19h30 | The Man We Want to Hang, 1995-2002 (14') – Mouse Heaven, 2004 (10') – Elliot's Suicide, 2004 (15')
I'll Be Watching You, 2007 (5') – My Surfing Lucifer, 2007 (4') – Death, 2008 (42'') – Ich Will!, 2008 (35')

Total: 85'

6 DE MAIO | SEXTA-FEIRA

15h30 | Puce Moment, 1949 (6') – Rabbit's Moon, 1950 (16') – Eaux D'Artifice, 1953 (13')
Ich Will!, 2008 (35') – Mouse Heaven, 2004 (10')

Total: 82'

17h30 | Foreplay, 2008 (7') – Uniform Attraction, 2008 (21') – Brush of Baphomet, 2009 (4')
Scorpio Rising, 1963 (29') – Inauguration of the Pleasure Dome, 1954 (38')

Total: 99'

19h30 | Fireworks, 1947 (15') – Inauguration of the Pleasure Dome, 1954 (38') – I'll Be Watching You, 2007 (5')
Invocation of My Demon Brother, 1969 (11') – Foreplay, 2008 (7') – Brush of Baphomet, 2009 (4')

Total: 80'

7 DE MAIO SÁBADO

13h30 | Fireworks, 1947 (15') – Inauguration of the Pleasure Dome, 1954 (38') – Scorpio Rising, 1963 (29')

Total: 82'

17h00 | My Surfing Lucifer, 2007 (4') – Elliot's Suicide, 2004 (15') – Lucifer Rising, 1972 (30')
Invocation of My Demon Brother, 1969 (11') – Eaux D'Artifice, 1953 (13')

Total: 73'

18h30 | Ich Will!, 2008 (35') – Mouse Heaven, 2004 (10') – Uniform Attraction, 2008 (21') – Scorpio Rising, 1963 (29')

Total: 96'

8 DE MAIO DOMINGO

13h30 | Fireworks, 1947 (15') – Rabbit's Moon, 1950 (16') – Eaux D'Artifice, 1953 (13')
Inauguration of the Pleasure Dome, 1954 (38') – I'll Be Watching You, 2007 (5')

Total: 87'

17h00 | The Man We Want to Hang, 1995-2002 (14') – Brush of Baphomet, 2009 (4') Lucifer Rising, 1972 (30')
Invocation of My Demon Brother, 1969 (11') – Kustom Kar Kommandos, 1965 (3') – Death, 2008 (42'')
My Surfing Lucifer, 2007 (4') – Puce Moment, 1949 (6')

Total: 72'

18h30 | Elliot's Suicide, 2004 (15') – I'll Be Watching You, 2007 (5') – Rabbit's Moon, 1950 (16')
Eaux D'Artifice, 1953 (13') – Puce Moment, 1949 (6') – Lucifer Rising, 1972 (30')

Total: 85'

11 DE MAIO QUARTA-FEIRA

17h30 | Eaux D'Artifice, 1953 (13') – The Man We Want to Hang, 1995-2002 (14')
Uniform Attraction, 2008 (21') – Mouse Heaven, 2004 (10') – Brush of Baphomet, 2009 (4')
Death, 2008 (42') – Scorpio Rising, 1963 (29')

Total: 92'

19h30 | Uniform Attraction, 2008 (21') – Mouse Heaven, 2004 (10') – I'll Be Watching You, 2007 (5')
My Surfing Lucifer, 2007 (4') – Elliot's Suicide, 2004 (15') – Ich Will!!, 2008 (35')

Total: 91'

12 MAIO QUINTA-FEIRA

17h30 | Fireworks, 1947 (15') – Elliot's Suicide, 2004 (15') – Eaux D'Artifice, 1953 (13')
Invocation of My Demon Brother, 1969 (11') – The Man We Want to Hang, 1995-2002 (14')
Mouse Heaven, 2004 (10')

Total: 79'

19h30 | Inauguration of the Pleasure Dome, 1954 (38') – Ich Will!!, 2008 (35') – Lucifer Rising, 1972 (30')

Total: 103'

13 DE MAIO SEXTA-FEIRA

15h30 | Puce Moment, 1949 (6') – Rabbit's Moon, 1950 (16') – Eaux D'Artifice, 1953 (13')
Ich Will!!, 2008 (35') – Mouse Heaven, 2004 (10')

Total: 82'

17h30 | Scorpio Rising, 1963 (29') – Ich Will!!, 2008 (35') – Mouse Heaven, 2004 (10')

Total: 75'

19h30 | Death, 2008 (42') – Elliot's Suicide, 2004 (15') – My Surfing Lucifer, 2007 (4') – Puce Moment, 1949 (6')
Eaux D'Artifice, 1953 (13') – Scorpio Rising, 1963 (29') – Foreplay, 2008 (7')

Total: 75'

14 DE MAIO SÁBADO

14h | Fireworks, 1947 (15') – Foreplay, 2008 (7') – I'll Be Watching You, 2007 (5') – My Surfing Lucifer, 2007 (4')
Uniform Attraction, 2008 (21') – Inauguration of the Pleasure Dome, 1954 (38')

Total: 90'

16h | Brush of Baphomet, 2009 (4') – The Man We Want to Hang, 1995-2002 (14') – Death, 2008 (42')
Kustom Kar Kommandos, 1965 (3') – Foreplay, 2008 (7') – Ich Will!!, 2008 (35') – Mouse Heaven, 2004 (10')

Total: 74'

18h | Scorpio Rising, 1963 (29') – Inauguration of the Pleasure Dome, 1954 (38')
Fireworks, 1947 (15') – Lucifer Rising, 1972 (30')

Total: 112'

15 DE MAIO DOMINGO

14h | Uniform Attraction, 2008 (21') – Inauguration of the Pleasure Dome, 1954 (38') – Ich Will!!, 2008 (35')

Total: 94'

16h | Fireworks, 1947 (15') – Foreplay, 2008 (7') – I'll Be Watching You, 2007 (5') – My Surfing Lucifer, 2007 (4')
Uniform Attraction, 2008 (21') – Inauguration of the Pleasure Dome, 1954 (38')

Total: 90'

18h | Ich Will!!, 2008 (35') – Scorpio Rising, 1963 (29') – Foreplay, 2008 (7') – I'll Be Watching You, 2007 (5')

Total: 76'

patrocínio **Banco do Brasil**

realização **Centro Cultural Banco do Brasil**

produção **Imagem-Tempo e Solar das Metamorfoses**

idealização e curadoria **Betch Cleinman**

coordenação de projeto **Betch Cleinman e Eduardo Ades**

produção executiva **Daniela Vitorino**

produção **Julia Bonzi e Matheus Carvalho**

produção São Paulo **Bruna Biral**

projeto gráfico **Marcellus Schnell**

vinheta **Allan Ribeiro**

web design **Breno Trengrouse | studio b**

coordenação editorial **Betch Cleinman**

tradução **Sergio Lamarão**

tradução consecutiva **Mauro Lando**

assessoria de imprensa

Anna Luiza Müller | Primeiro Plano (Rio de Janeiro)

Leandro Matulja, Letícia Zioni, Sandra Calvi | Cartaz Comunicação (São Paulo)

Agradecimentos

Camilo Pellegrini, Felipe Abreu, Flora Valadares,

Herica Valladares, Joaquim Paiva, Peri Zorzella,

Rosa Gaiarsa, Todd Wiener e Vera Zaverucha

Agradecimentos especiais a **Kenneth Anger e Brian Butler**



<http://imagemtempo.com.br/kennethanger/>

MOSTRA DE FILMES
RJ E SP . 4 A 15 DE MAIO 2011

FIREWORKS
PUCE MOMENT
RABBIT'S MOON
EAUX D'ARTIFICE
INAUGURATION OF THE PLEASURE DOME
SCORPIO RISING
INVOCATION OF MY DEMON BROTHER
KUSTOM KAR KOMMANDOS
LUCIFER RISING
ICH WILL!
THE MAN WE WANT TO HANG
MOUSE HEAVEN
I'LL BE WATCHING YOU
ELLIOT'S SUICIDE
FOREPLAY
UNIFORM ATTRACTION
DEATH
MY SURFING LUCIFER
BRUSH OF BAPHOMET

Realização

VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA



Ministério da
Cultura



Rio de Janeiro | Rua Primeiro de Março, 66 - Centro / informações (21) 3808-2020 - twitter.com/ccbb_rj
São Paulo | Rua Álvares Penteado, 112 - Centro / informações (11) 3113-3651/3652 - twitter.com/ccbb_sp
bb.com.br/cultura SAC 0800 729 0722 / Ouvidoria BB 0800 729 5678 Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 729 0088